

HISTÓRIAS CAMPESINAS COMO MOVIMENTOS ABERRANTES: UM RECORTE SOBRE OS POVOS FAXINALENSES

LUIZA RIGHI CENCI¹; DIULIA HÜTTNER WOLTER²; MIGUEL DELANOY
POLIDORI³; JOSÉ RICARDO KREUTZ⁴

¹Luiza Righi Cenci – luizarcenci@gmail.com

²Diulia Hüttner Wolter – diuliahuttnerwolter@gmail.com

³Miguel Delanoy Polidori – miguel.polidori@gmail.com

⁴José Ricardo Kreutz – jrkreutz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O TELÚRICA (Territórios de Experimentação em Limiares Urbanos e Rurais: In(ter)venções em Coexistências Autorais) é um grupo de pesquisa vinculado ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, coordenado pelo Prof. Dr. José Ricardo Kreutz que, do ano de 2023 até 2025, vem desenvolvendo a pesquisa intitulada “Histórias Campesinas como movimentos aberrantes: um estudo sobre a vida e o cotidiano dos camponeses no Brasil”. Esta pesquisa pretende contar histórias campesinas esquecidas. Considera-se que esse esquecimento se deu, muitas vezes, por consequência da Lei de Terras de 1850, que priorizava (e, como efeito disso, seguimos priorizando enquanto sociedade) a propriedade individual, a monocultura e a concentração fundiária, em detrimento das práticas coletivas e das relações comunitárias.

Por hora, interessa ao grupo pensar que o movimento aberrante é um fenômeno (nesse caso, histórico) que invoca outros direitos de povoamento da terra (LAPOUJADE, 2015, p. 43) que estão no limiar do capitalismo. Ainda, como os fenômenos da terra podem invocar um novo direito? *“De que novo direito podem se prevalecer? O papel dos movimentos aberrantes é, precisamente, o de tornar isso perceptível”* (LAPOUJADE, 2015, p. 51). Desse modo, se tem que os movimentos aberrantes referem-se a fenômenos sociais, políticos ou culturais que se desviam significativamente das normas, valores ou estruturas tradicionais. Eles são considerados anomalias ou exceções em relação à ordem hegemônica. Além disso, Lapoujade (2015, p. 27) invoca a expressão latina “quid juris” (“o que é de direito” ou “qual é o direito”), frequentemente usada no contexto jurídico para questionar ou discutir questões de legalidade, justiça ou direito. Essa expressão também se aplica aos movimentos aberrantes, já que muitos desses movimentos diferiam das normas estabelecidas pela sociedade capitalista, buscando formas alternativas de organização social.

Ao colocar em pauta essas “*formas de variar o sistema*” (RIBEIRO, 2017, p. 82), emergem, na pesquisa, os povos faxinalenses. A formação social dos faxinais é caracterizada pelo uso comum da terra dos recursos florestais e hídricos (FIOCRUZ, 2009). Também é característica a cerca comunitária, que delimita o criadouro comum de animais, pomares de frutíferas nativas, plantação de ervas medicinais e diversos outros cultivos agrícolas de base familiar. Ademais, são característicos os quintais, onde são plantadas hortaliças e culturas de subsistência. (FIOCRUZ, 2009). Entretanto, não se sabe ao certo quantos faxinais existem atualmente, uma vez que os dados mais recentes divergem entre cerca de 44 a quase 230 comunidades do centro-sul e sudeste paranaense (SOUZA, 2009).

Isso posto, o presente trabalho tem como objetivo dialogar a forma faxinal de ocupação e resistência camponesa com os movimentos aberrantes de Lapoujade. Além disso, busca relacionar o processo de construção dos modos de subjetivação dos faxinais e sua relação com a terra, articulando a Psicologia social crítica com a filosofia da diferença. Ainda, cabe ressaltar que, em um momento de acentuação da crise ambiental, se faz essencial pensar, conhecer e, sobretudo, preservar formas tradicionais de ocupação, uso e relação com a terra, bem como as culturas, identidades e processos construção da subjetividade dos povos que nela vivem.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão bibliográfica narrativa, que buscou, na literatura, pistas sobre quem são os povos excluídos na história fundiária do Brasil. Por se tratar de uma pesquisa em sua etapa inicial, o levantamento bibliográfico feito não foi explorado de modo exaustivo, de modo que o que se produziu até então teve como base as pistas encontradas sobre esses diferentes modos de existência e resistência.

No presente recorte, foram postos em foco os povos faxinalenses, que emergiram na bibliografia consultada durante a pesquisa. Para tanto, foram consultados artigos, teses, portais governamentais e fontes da Articulação Puxirão dos Povos Faxinais. Um ponto que marcou a pesquisa é que foram encontradas muitas informações imprecisas, especialmente porque são muito recentes as tentativas de cartografar essas populações e resgatar sua identidade. É perceptível que há um apagamento histórico desses povos “anômalos”, que se opõem ao modo de vida hegemônico. Deste modo, muito do que se tem registro são somente pistas dessa existência “aberrante”. Pistas essas presentes em discursos, história oral, notícias e conflitos propriamente ditos entre os faxinalenses e o modelo de desenvolvimento hegemônico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Não há consenso, na literatura, acerca do surgimento dos faxinais. Entretanto, Tavares (2008) nos aponta que se tratou de uma aliança entre indígenas que fugiam do sistema de peonagem e da escravidão, de negros africanos escravizados fugidos e dispersados na mata de Araucárias paranaense, porém que não formaram quilombos. Isso explicaria, para o autor, a junção das práticas do uso comum de terras (comumente indígena) e da criação de animais (oriunda de escravizados africanos), além do cultivo de erva mate por ambos os povos. Posteriormente, se juntam a eles imigrantes, especialmente poloneses e ucranianos, e sertanejos. Esse último grupo se caracteriza por posseiros pobres, que foram desalojados de suas terras devido à construção da ferrovia no Contestado e, por isso, tiveram que se deslocar para áreas de terras devolutas (TONON, 2008).

Outra pista relacionada aos faxinais é que há quatro cidades no sul do Brasil que carregam o nome “faxinal”. São elas Faxinalzinho e Faxinal do Soturno (ambas no Rio Grande do Sul), Faxinal dos Guedes (em Santa Catarina), e Faxinal (no Paraná). Também há dúvida acerca da origem do termo “faxinal”. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) [2017?] “faxinal” indica o tipo de vegetação presente no território, sendo essa um campo

aberto com matos curtos, podendo se referir a paisagens compostas por mato constituído de pinhal, taquaral, erval, entre outras. O termo teria vindo do italiano “fascina”. Entretanto, de acordo com o mesmo órgão (c2023a) o termo tem origem tupi-guarani, se referindo a campos de pastagens entremeados por um arvoredo esguio. Ainda segundo o IBGE [2007?]; (c2023a), a população que vivia nesses municípios é mencionada como uma mistura entre imigrantes de origem italiana e caboclos, o que pode indicar que o tipo de organização, que mistura elementos dessas culturas, pode ter ocorrido em algum nível em outros contextos.

Dessa forma, é notável que essa mistura e modo de organização de populações e culturas pode ser interpretada como um exemplo de “movimento aberrante” no sentido proposto por Lapoujade, uma vez que essas comunidades rurais que ocupavam e utilizavam a terra de forma coletiva foram consideradas desviantes em relação à ordem estabelecida pelo Estado. Ainda segundo Tonon (2008, p. 103), “a constituição das associações faxinalenses no ideário das elites republicanas, contrariava o princípio da força da iniciativa individual como mola propulsora das transformações sociais”.

De acordo com o Mapa de Conflitos, embora os povos faxinalenses tenham surgido em meados do século XIX, foi a partir da década de 1960 que os conflitos entre eles e o modelo hegemônico foram intensificados. Essa data coincide com a revolução verde e a ampliação do agronegócio no Brasil, gerando confrontos com madeireiros e monocultores. Esse fato também nos elucida que a existência dos povos faxinalenses é um fator de proteção da terra e da biodiversidade. Além disso, embora não se trate de uma forma de organização recém-chegada, somente em 1980 as comunidades reforçaram o processo de resgate cultural, culminando no I Encontro dos Povos de Faxinais, em 2005. (FIOCRUZ, 2009).

4. CONCLUSÕES

Diversos fatores permitem concluir que o fato de o resgate da identidade faxinalense ser recente contribuiu para o desaparecimento das características dessas comunidades. A questão anteriormente posta, de “quantos faxinais existem?” parece se dar pela dificuldade de identificar quais comunidades ainda preservam as características tradicionais de um faxinal. Características estas cujo conhecimento é de extrema importância ao pensarmos em um modelo de sociedade que ocupe a terra de forma condizente com a continuidade da vida na Terra. Esse resgate, porém, não se limita aos faxinais. Ademais, se faz necessário ressaltar que o processo de resgate da identidade dos povos tradicionais é fundamental para entender outros modos de vida e outra forma relação do ser humano com o lugar em que vive, sendo parte fundamental do processo de transformação da sociedade.

Justamente a falta de resgate e preservação cultural possibilitou que fossem perdidas grande parte das comunidades tradicionais faxinalenses, ou que estas se descaracterizassem. Preservar a cultura e reafirmar a identidade deste povo é um passo em direção à transformação em uma sociedade que constrói outra relação com o ecossistema, uma vez que os faxinalenses são um dos povos tradicionais que demonstram que é possível (co)existir de maneira não predatória e não exaustiva.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Mapa de Conflitos**: injustiça ambiental e saúde no Brasil: PR – Mesmo enfrentando violências, a luta e as vitórias dos faxinalenses desemboca na sua integração a outras comunidades tradicionais, 2009. Disponível em:

<https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/pr-mesmo-enfrentando-violencias-a-luta-e-as>

-vitorias-dos-faxinalenses-desemboca-na-sua-integracao-a-outras-comunidades-tradicionais/# sintese. Acesso em 04 ago 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Brasil/Paraná/Faxinal/História & fotos**. [2017?] Disponível em:

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/faxinal/historico>. Acesso em 08 ago 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Brasil/Rio Grande do Sul/Faxinal Do Soturno/História & fotos** [2007?] Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/faxinal-do-soturno/historico>. Acesso em 08 ago 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Brasil/Santa Catarina/Faxinal Dos Guedes/História & fotos**. c2023a Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/faxinal-dos-guedes/historico>. Acesso em 08 ago 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Brasil/Rio Grande do Sul/Faxinalzinho/História & fotos**. c2023b Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/faxinalzinho/historico>. Acesso em 08 ago 2023

LAPOUJADE, David. **Deleuze, os movimentos aberrantes**. São Paulo. 2015. 320 p.

RIBEIRO, Viviana. **A potência política da literatura em Gilles Deleuze**. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Departamento de Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói, p. 82. 2017.

SOUZA, Roberto. Mapeamento Social dos Faxinais no Paraná. In: ALMEIDA Alfredo Wagner; SOUZA, Roberto. (Org.) **Terras de Faxinais**. Manaus: Edições da Universidade do Estado do Amazonas, 2009. Disponível em: https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/Livro_TERRAS_DE_FAXINAIS.pdf Acesso em 08 ago 2023

TAVARES, Luis Almeida. **Campesinato e os faxinais do Paraná**: as terras de uso comum. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 756. 2008.

TONON, Eloy. A força da Tradição dos Faxinais e as Irmandades Místicas do Contestado In: OLINTO, Beatriz; MOTTA, Márcia; OLIVEIRA, Oséias; **História Agrária: propriedade e conflito**, Guarapuava: UNICENTRO, 2008. p. 95-119